

SIMPÓSIO 46

GRAMATICALIZAÇÃO, SUBJETIFICAÇÃO E MUDANÇA
LINGUÍSTICA: ESTUDOS DE CASOS NAS DIVERSAS
VARIEDADES DO PORTUGUÊS

COORDENADORES

Edson Rosa Francisco de Souza
(UNESP/São José do Rio Preto)

Jussara Abraçado
(Universidade Federal Fluminense)

AQUI, AÍ, ALI E LÁ EM SINTAGMAS NOMINAIS INDEFINIDOS: UM ESTUDO DE GRAMATICALIZAÇÃO EM PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Francisco Wildson CONFESSOR¹

RESUMO

Sob a perspectiva teórica da Linguística Funcional, em sua vertente norte-americana (Hopper, 1987, 1991, 1998, 2008, 2010; Heine *et al.*, 1991a/b; Hopper; Traugott, 2003), este trabalho tem como objetivo geral investigar, com base em propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, o processo de gramaticalização de AQUI, AÍ, ALI e LÁ, como formas indicadoras de especificidade em sintagmas nominais indefinidos. Inicialmente, esboçou-se uma possível trajetória de gramaticalização por que AQUI, AÍ, ALI e LÁ teriam passado de sua função fonte como dêiticos espaciais até a indicação de especificidade. Em seguida, descreveu-se o comportamento desses itens marcadores de especificidade no que diz respeito aos seguintes fatores de natureza morfossintática e semântico-pragmática: existência ou não de material interveniente entre o item marcador de especificidade e o nome nuclear do SN; função sintática do SN especificado; status informacional dos SN a que se adjungem AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade. Os resultados apontam para a existência de formas com diferentes graus de emergência no domínio funcional da especificação nominal, sendo AÍ, provavelmente, o item mais gramaticalizado, seguido por LÁ, e depois por ALI e AQUI, cuja permanência no domínio funcional ainda não aparenta estar consolidada.

PALAVRAS-CHAVE: AQUI, AÍ, ALI e LÁ marcadores de especificidade; Funcionalismo Linguístico; Gramática Emergente; Gramaticalização; Fatores morfossintáticos e semântico-pragmáticos.

Introdução

A evolução linguística faz com que novas formas surjam na codificação de uma determinada função linguística. Hopper (1991) refere-se a esse fenômeno como estratificação (*layering*) e afirma que ele é muito comum nas línguas em geral. Essa

¹ UFRN, Editora Universitária (EDUFRN). Avenida Senador Salgado Filho, 3000, Campus Universitário, Lagoa Nova. CEP: 590780-970. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: wildsonconfessor@icloud.com.

diversidade formal surge, segundo Hopper (1991:23), na medida em que uma forma ou um conjunto delas, ao emergir em um dado domínio funcional², não substitui imediatamente – ou mesmo nunca vem a substituir completamente – o conjunto já existente de formas equivalentes funcionalmente; mas, ao contrário, esses dois conjuntos de formas passam a coexistir, podendo ser especializados para itens lexicais particulares, classes peculiares de construções ou registros sociolinguísticos; podem ainda ter significados levemente distintos ou apenas serem reconhecidos como alternativas estilísticas.

Neste estudo, sob a égide do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana (Hopper, 1998, Givón, 2001, Hopper; Traugott, 2003, Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003), é discutido o processo de gramaticalização de AQUI, AÍ, ALI e LÁ, como marcadores de especificidade de Sintagmas Nominais indefinidos, com base em algumas propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas. De acordo com a proposta aqui advogada, esses itens linguísticos, por intermédio do processo de gramaticalização, migraram do domínio funcional da dêixis espacial para o da especificação nominal, passando a atuar em alguns como marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos (cf. Confessor, 2013).

Para tanto, este trabalho estrutura-se da seguinte forma: na próxima seção são apresentados alguns aspectos fulcrais dos estudos funcionalistas voltados à gramaticalização; em seguida, são tecidas considerações acerca do domínio funcional da especificação nominal e, por último, é disposta a análise dos dados.

Os estudos funcionalistas voltados à gramaticalização

A linguística funcional concebe a gramática como um conjunto de regularidades convencionalizadas via repetição, isto é, expressões e orações antes inovadoras, por serem muito usadas acabam por rotinizar-se e, assim, passam a fazer parte do repertório linguístico dos falantes e, desse modo, acabam por adentrar na gramática de uma língua. Nesse sentido, a gramática de uma língua nunca está completa; está sempre mudando

² A expressão *domínio funcional* é empregada neste trabalho, no sentido proposto por Givón (1984), isto é, para denominar as áreas funcionais que compõem a gramática, que podem corresponder a áreas funcionais gerais (ou macrodônios), como TAM (tempo/aspecto/modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas (microdomônios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, a especificação nominal, etc.

em busca de sua constituição, mas nunca chegando a se constituir de fato. (cf. Hopper, 1987, 1998).

Esse processo de mudança permanente da gramática das línguas é o foco dos estudos de gramaticalização. Heine e Kuteva (2007) concebem a gramaticalização como a gênese e o desenvolvimento de formas gramaticais. Para os autores, a função fulcral dos estudos de gramaticalização é descrever como as formas gramaticais e construções aparecem e se desenvolvem ao longo do tempo e espaço, a fim de explicar o modo como foram estruturadas. Por isso, os estudiosos da gramaticalização devem se preocupar com as regularidades de uso da língua mediante a observação da fala e escrita, como também com os diversos aspectos de mudança na língua.

Heine *et al.* (1991b) postulam que existe um processo de *problem-solving* (resolução de problemas) subjacente à gramaticalização que é metaforicamente estruturado, isto é, se dá pela expressão de uma coisa nos termos de outra, podendo ser descrito na forma de algumas categorias básicas, organizadas da seguinte maneira:

PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

De acordo com esses autores, essas categorias representam um domínio de conceitualização importante para a estruturação da experiência, e a relação entre elas é metafórica: qualquer uma delas pode servir para conceitualizar qualquer outra categoria à sua direita, consistindo no que Heine *et al.* (1991b:157) propuseram chamar de metáforas categoriais, como ESPAÇO É UM OBJETO ou TEMPO É ESPAÇO.

Vale ressaltar ainda que as fronteiras entre as categorias não são claramente definidas, existindo um *continuum* entre elas. Assim, no processo de gramaticalização pode haver estágios de ambiguidade em que uma palavra ou construção pode fazer parte de duas categorias simultaneamente. Além disso, Heine *et al.* (*op. cit.*), bem como a maioria dos teóricos funcionalistas, defendem o princípio da unidirecionalidade, segundo o qual as formas sofrendo gramaticalização tendem a adquirir significados cada vez mais abstratos, nunca ocorrendo o contrário.

Heine *et al.* (1991a) também propõem trajetórias mais específicas para certos processos de gramaticalização. Por exemplo, apresentam a seguinte trajetória como tipicamente envolvida na gramaticalização de conjunções: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO. Segundo essa proposta, elementos indicadores de espaço externo, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, por

fim, como organizadores do espaço textual, sendo possível um percurso do espaço externo diretamente para o espaço textual. Os autores consideram a categoria TEXTO como pertinente à categoria QUALIDADE (um de seus subtipos).

O processo de gramaticalização também envolve os mecanismos da reanálise e da analogia. Hopper e Traugott (2003) concebem a reanálise como um mecanismo geral de gramaticalização através do qual as propriedades gramaticais – sintáticas e morfológicas – e semânticas das formas são modificadas, constituindo mudanças em interpretação, mas não na forma, a princípio. Para esses autores, a reanálise é o mais importante mecanismo para a gramaticalização.

Uma definição clássica de reanálise é a de Langacker, para quem esta é vista como uma “mudança na estrutura de uma expressão que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação aparente”. (1977:58 *apud* Hopper; Traugott, 2003:51). A reanálise não é, portanto, diretamente observável.

Na reanálise, o ouvinte pode entender que uma forma tem uma estrutura e um sentido que são diferentes daqueles do falante, isto é, os usuários da língua mudam a percepção de como os diferentes constituintes da língua (os sintagmas) são organizados. Os autores apresentam como exemplo a palavra *hamburger*, que deixa de ser entendida [Hamburg] + [er] ‘o que é originário de Hamburgo’ (nesse caso um tipo de sanduíche) e passa a ser ouvida como [ham] + [burger], em que *burger* passa, sozinho, a designar o sanduíche, podendo ser combinado com outras palavras como *cheese*, *beef* e *ham*.

Para Hopper e Traugott (*op. cit.*), a reanálise envolve reorganização sintagmática, linear, frequentemente local, mudança na regra e forte dependência do contexto, que é o desencadeador das mudanças proporcionadas pela atuação desse mecanismo. Por isso, os autores associam a reanálise ao processo cognitivo da metonímia.

O mecanismo da analogia não promove mudança na regra, mas possibilita a expansão/divulgação das mudanças trazidas pela reanálise para o interior do sistema linguístico. Enquanto a reanálise refere-se à substituição de estruturas antigas por novas e é secreta, a analogia, por contraste, é manifesta, e refere-se à atração de formas preexistentes na língua a construções também já existentes. Em essência, esses mecanismos envolvem inovação ao longo de diferentes eixos. A reanálise opera ao longo do eixo “sintagmático” da estrutura constituinte linear. Já a analogia opera ao longo do eixo “paradigmático”, envolvendo mudança nos padrões de uso e está relacionada ao mecanismo cognitivo da metáfora.

Segundo Hopper e Traugott (*op. cit.*), apesar de somente a reanálise poder criar novas estruturas gramaticais, o papel da analogia não deveria ser subestimado no estudo da gramaticalização, já que seus produtos, por serem manifestos, são em muitos casos a principal evidência para os falantes de uma língua – e até para os linguistas – de que uma mudança aconteceu.

Hopper (1987, 1998, 2008, 2010), por sua vez, desenvolve o construto teórico da *gramática emergente*, postulando que a gramática emerge do discurso e é moldada por ele num processo contínuo. Assim, a gramática é marcada por seu caráter provisório em busca de uma estabilidade que não ocorrerá efetivamente, posto que é notório que as línguas evoluem com o tempo. No entanto, esse processo é extremamente lento, geralmente não sendo percebido pelos usuários da língua.

Para Hopper: “uma estrutura que é emergente [...] nunca é fixa, nunca determinada, mas está constantemente aberta e em fluxo. O termo emergente se refere à incompletude essencial de uma língua, e vê a instabilidade entre forma e sentido como uma situação constante e natural” (1998:157).

O domínio funcional da especificação nominal

O domínio funcional da especificação nominal é constituído, dentre outras formas, por aquelas que a gramática tradicional classifica como pronomes indefinidos, caso de CERTO, ou adjetivos – DADO, DETERMINADO, ESPECÍFICO etc. Nessa função, os itens sob enfoque passam a integrar o SN, acrescentando-lhe um traço [+específico], o que indica que seu referente é específico do ponto de vista do falante, isto é, o falante conhece a identidade do referente em questão ou conhece ao menos alguma informação sobre o referente do SN, a respeito da qual, por alguma razão, não quer ou não pode revelar maiores detalhes (vide exemplos):

- (01) Em *uma CERTA ocasião*, quando estavam com fome, a cachorra trouxe uma caça e a sinhá ficou feliz, fazendo uma festa ao beijar a boca da cachorra. (informante masculino, D&G Natal – parte escrita).
- (02) A religião católica é boa, no entanto, não admite questionamento, ou seja, não consegue explicar *DETERMINADAS coisas*, como: se Deus é tão bom, por quê nas ruas encontramos pessoas deficientes

sofrendo? se Deus prega a igualdade, por quê essa discriminação de classes? (informante feminino, D&G Natal – parte escrita).

No que diz respeito a AÍ, LÁ ALI e AQUI, em seu processo de gramaticalização como marcadores de especificidade de SN indefinidos, e considerando as categorias propostas por Heine *et al.* (1991a/b), parece que esses itens migraram da categoria ESPAÇO (advérbio de lugar) para a categoria QUALIDADE, sem necessariamente passar pelas outras categorias. A QUALIDADE, segundo Heine *et al.* (1991a:49), “é a mais genérica e difusa das categorias, podendo se referir, entre outros, a situações estáticas em oposição a dinâmicas, a conceitos não físicos em oposição a físicos”. Sendo assim, a princípio, é possível considerar a especificação de SN indefinidos como vinculada à categoria QUALIDADE. Embora um marcador de especificidade não desempenhe a mesma função que um modificador (o tipo de constituinte frasal que prototipicamente está relacionado à categoria QUALIDADE – e às classes de palavra *adjetivo* e *advérbio*), acredito que, dentre as categorias propostas por Heine *et al.*, a QUALIDADE seja aquela em que podemos melhor encaixar o AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcador de especificidade.

O processo de gramaticalização de AÍ, LÁ, ALI e AQUI pode, portanto, ser representado esquematicamente da forma que segue:

ESPAÇO > ESPAÇO/QUALIDADE > QUALIDADE

Também é possível representarmos o processo de migração de AÍ e LÁ de forma mais específica como ESPAÇO > ESPAÇO/MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE > ESPECIFICIDADE.

Ilustrarei esse esquema com as ocorrências de (03) a (08), a seguir, que tratam da trajetória de gramaticalização de AÍ e LÁ, e que, a princípio, representam contextos semelhantes aos da gramaticalização de ALI e AQUI. Ressalto, porém, que devido à pouca ocorrência de dados desses últimos, mesmo em contextos ambíguos, não foi possível apresentar dados da provável trajetória de gramaticalização aqui defendida. Inicialmente AÍ e LÁ exerciam apenas sua função fonte de dêitico locativo (ESPAÇO – (03) e (04)); posteriormente, passaram a desempenhar uma função híbrida, ambígua, um pouco dêiticos, um pouco marcadores de especificidade (ESPAÇO/MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE – (05) e (06)); e por último, passaram a atuar inequivocamente

como marcadores de especificidade de SN indefinidos (MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE – (07) e (08)).

- (03) E: você tem feito *cooper*? ultimamente?
I: Marcos eu ... durante a semana tenho corrido aí na praia ... eu corro dois dias e três dias eu faço exercícios parado ... localizados mesmo ... porque nós temos *muitas barras AÍ* ... nós temos paralelas é ... o ... alguns garotos levam é ... material de halteres ... e então a gente faz é ... um trabalho localizado e na ... eu no meu caso ... quando quero ... eu corro ... eu sinto necessidade de correr também ... na ... na ... aí na orla marítima (informante masculino, D&G Natal).
- (04) E* Como era o como, me fala um um pouco do da história desse filme, Duro de Matar. Só um pouco, resumindo.
I* É: que ele + tava no + no no prédio, né? Dent0o do prédio, *numa festa LÁ*, né? os terrorista0 foru0 lá, tumaru0 o prédio, + p0a rouba:0. + Aí tinha um um [pulia-] um policial só lá. Num tinha nada a ve0 cum a história, a mulhe0 dele <também> tava lá no meio, + tava como refém. Ele foi lá:, <como era o mocinho, né?> + aí conseguiu vence0 o terrorista e matô0 tudinho (informante masculino, VALPB).
- (05) é ... tava com ele ... aí Jor/ aí seu Carrilho disse ... “não ... ainda não fui atendido ... eu gostaria é:: de quando o senhor tivesse um tempo é:: o senhor me desse uma certa atenção que eu tô precisando é:: ver *um material AÍ*” ... (informante masculino, D&G Natal).
- (06) E ainda bate um pouquinho de saudade desse emprego porque tinha você você conhece o ator Piancó? O o tem Piancó e tem o rapaz que faz o papel de Zé, Zeca Paraíba Zé Paraíba. Então eles frequentava esse ambiente, então aí me divertia mesmo. Quando eles chegavam lá, ele divertia legal. Piancó contava piada que né brincadeira e ele também, né? E eu sempre me envolvi. Teve um show de Piancó lá no no Rango que eu té me meti no no no no ensaio, né? Ele cantava uma coisa, eu repetia daqui ei tal, era o tipo do embola, né? Então ele dizia *uma coisa LÁ*, eu dizia de cá, aí tinha uma garota que tinha ido cum ele pra assistir o ensaio, né? Que ela num quase morri de rir cum a gente. Ele dizia uma coisa, ela dizia uma coisa de cá, aí buteram um uma peruca de palhaço em mim, um um nariz de palhaço aqui também, pronto. Eu fiquei sendo o palhaço da da da história, né? (informante masculino, VALPB).
- (07) aí quando é agora né ... a professora me deu *uma partitura de uma música AÍ* ... é:: eu demorei o que ... uns ... umas cinco ... cinco aula ... ou seja ... um mês ... e uma aula ... são quatro ... são quatro aulas

por mês ... uma na semana ... aí deixe eu ver ... eu demorei cinco aulas ... pra poder aprender a partitura todinha (informante masculino, D&G Natal).

- (08) Quando cheguei ali na outra casa lá em cima (choro de criança) [Aí disse] aí bati na porta, minha senhora aí abriu a porta, quando ela disse: "Tu aqui uma hora dessas?" Eu disse: "É." Eu disse: "O que é que está acontecendo aqui?" Diz ela assim: "Não, [eu] já está tudo resolvido." Eu disse: "Não! O que que é isso?" Aí o rapaz, que com o engenheiro ficou me esperando [segunda feira] que eu voltasse segunda feira para nós seguirmos viagem. Aí, não voltei mais. Eu disse: "Não! Prefiro devolver todas as diárias, que eu ia ganhar, mas não volto mais." Acho que, revoltado com aquilo, eu disse: "Agora eu tenho que resolver." Aí fui lá [na] na Universidade, né? aí fui lá, já aí entrei em contato lá e, eu disse: "É, nós temos que resolver *um negócio LÁ* e tal". Mas [o] o tratorista que esteve ali que ele estava cavando o terreno do lado, aí ele disse que ia botar a cerca no chão e tal [e] e que ia botar a casa no chão, e ela ficou apavorada, né? ficou apavorada (informante masculino, VARSUL Florianópolis).

Dos dados apresentados com *AÍ*, é possível depreender o seguinte: em (03), ao utilizar *AÍ* na expressão *muitas barras AÍ*, o falante está se referindo ao local do mundo real onde ele costuma praticar exercícios localizados – em uma praia da cidade de Natal. Nesse dado, *AÍ* significa “nesse lugar”. Em (05), por sua vez, a interpretação espacial de *AÍ* junto ao SN *um material AÍ* é apenas uma das possibilidades: o falante tanto pode estar focalizando o local (uma loja) onde ele desejava comprar determinado material quanto pode estar se referindo ao próprio material, isto é, um material específico que ele desejava adquirir naquela loja. E, finalmente, em (07), o falante parece estar se referindo não ao local onde se encontra determinada partitura de música, mas à partitura de uma música específica que lhe custou cinco aulas para aprender a tocar.

Acerca dos dados com *LÁ*, é consentâneo afirmar que: em (04), ao enunciar *numa festa LÁ*, o informante parece estar apontando para o local onde se realizava certa festa (dentro de um prédio), significando “naquele lugar”. Em (06), o falante tanto poderia estar apontando para o local onde se encontrava seu interlocutor, quando enunciou *uma coisa LÁ*, quanto poderia estar se referindo ao conteúdo da fala de seu interlocutor, ou seja, estaria se referindo a algo específico dito por ele. Já em (08), com a utilização de *um negócio LÁ*, o falante aparenta estar se referindo a um negócio

específico que ele teria de resolver, sobre o qual, provavelmente, não seria necessário apresentar mais informações naquela situação de comunicação.

O processo de gramaticalização de AÍ e LÁ (e dos outros marcadores) parece vir a reforçar o princípio de unidirecionalidade preconizado pelos estudos de gramaticalização, visto ser o significado de AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade bem mais abstrato do que seu significado fonte de advérbio de lugar, e a categoria QUALIDADE ser a última da trajetória de gramaticalização proposta por Heine *et al.* (1991a/b), portanto a mais abstrata.

Análise dos dados

Os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa foram coletados em grandes *corpora* orais brasileiros, a saber: o *Corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal (Furtado da Cunha, 1998), o Banco Conversacional de Natal (Furtado da Cunha, 2011), o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (Hora, 2005) e o Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – VARSUL (Vandresen, 2002). Ao fim da coleta, obtive a seguinte quantidade de dados: 128 ocorrências de AÍ, 99 de LÁ, 16 de ALI e apenas 5 de AQUI.

Depois da coleta de dados, procedeu-se à descrição e à análise dos dados de acordo com os postulados do funcionalismo. Foram Considerados nesta pesquisa três grupos de fatores morfossintáticos e semântico-pragmáticos, a fim de observar o comportamento de AÍ, LÁ, ALI e AQUI marcadores de especificidade com relação a eles, quantificando os dados. Os fatores considerados foram os seguintes: (i) existência ou não de material interveniente, predominantemente um adjetivo ou uma locução adjetiva, entre o item marcador de especificidade e o nome nuclear do SN; (ii) função sintática do SN ao qual os marcadores se adjungem (iii) *status* informacional do SN ao qual os marcadores se agregam. Os resultados são apresentados a seguir.

Existência de material interveniente

Esse fator diz respeito à possibilidade de existência de um modificador (mais comumente um adjetivo) ocorrer no sintagma nominal entre o nome núcleo e o

marcador de especificidade (AI, LÁ, ALI ou AQUI), conforme atestam os dados a seguir.

- (09) dessa última escala estamos chegando em Porto Alegre ... e eu senti uma alegria tão grande ... um ... um ... uma ... era como se eu retornasse a uma terra que eu nunca encon/ que eu nunca tinha deixado de estar lá ... porque ... eu num sei se eu já te falei ... Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) **um fenômeno paranormal AÍ** que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ... mas eu me sentia como que ... chegando em Areia Branca ... minha cidade do ... na/ natal né ... (informante masculino, D&G Natal).
- (10) I: é ... mas ninguém sabia ... né ... aí ele ficou contente e tudo mais ... aí chegou e disse ... tem uma pessoa que pode me ajudar e tudo mais porque no um ... ele só volta através de uma tempestade ... que justamente é nesse dia ... que tá chovendo ... que há tempestades de raios e tudo mais ... com trovões e raios ... então ... ele:: no um ele só consegue voltar para mil novecentos e oitenta e cinco por causa desse raio ... porque eles sabiam que ia cair um raio na torre da igreja ... então eles fizeram uma canalização com ... com **uma ligação elétrica LÁ** ... né ... um fio que ligava no carro né ... que dava justamente para chegar na hora h ... aí o carro tinha que tocar aquele fio ... aí quando tocasse ... aí por causa do raio ... né ... a potência do raio ... levaria o carro para o futuro ... né ... (informante masculino, D&G Natal).
- (11) minha mãe ... não gosta ... quando uma pessoa diz ... eu fiquei ... eu fiquei com fulano ... fiquei com sicrano ... sei o que ... mãe num gosta ... minha mãe tem ódio desse nome ficar ... aí é como que a pessoa vai dizer ... eu num ... eu num sei ... eu acho por exemplo ... aí eu num sabia nem o que dizer ... eu tinha que dizer “eu fiquei com fulano ... a na festa” ... mas não ... mãe não gosta disso ... aí eu ... tem gente como ... tá certo que tem ... tem muitas pessoa como ... **uma amiga minha ALI** que ela disse que não gosta de ficar ... ela disse que nunca vai ficar ... mas ... eu ... eu di/ eu também dizia isso ... que eu nunca ia ficar ... aí sempre quando eu vou numa festinha ... tem vez que eu fico ... mas é muito difícil ... só quando aparece um ... que eu queira ficar ... (informante feminino, D&G Natal).
- (12) E* Você conhece alguém que fala diferente de você?
I* Tenho, tenho sim. Pur ixemplo: **tem uma uma conhicida minha AQUI**, pur sinal ela tava aqui, ela num sabe falar direito. Ela num sabe

chamar você, num sabe chamar Jorge direito, falta uma letra pra ela dizer a palavra certa. Então eu cunheço (informante feminino, VALPB).

Os resultados, expostos na Tabela 1, revelam que há uma tendência de forte integração entre os marcadores de especificidade e o núcleo do SN, já que 93,8% das ocorrências de AÍ, 93% das de LÁ, 87,5% das de ALI e 80% das de AQUI se dão em SN em que há essa integração. Esse alto grau de integração parece ser ainda reflexo do caráter clítico³ de AÍ e LÁ marcadores de especificidade, os quais se integram sintática e semanticamente ao núcleo do sintagma do qual passam a fazer parte.

Tabela 1: Existência de material interveniente entre o núcleo do SN e os marcadores de especificidade

Marcador	AÍ		LÁ		ALI		AQUI	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Com material interveniente	8	6,2	7	7	2	12,5	1	20
Sem material interveniente	120	93,8	92	93	14	87,5	4	80
TOTAIS	128	100	99	100	16	100	5	100

Fonte: Confessor (2013)

No tocante ao tipo de material interveniente encontrado na amostra analisada, deparei com quatro tipos: adjetivo, locução adjetiva, advérbio+adjetivo e pronome (demonstrativo ou possessivo). Convém ressaltar que, dentre os tipos de materiais intervenientes encontrados, nem todos aparecem em SN com todos os marcadores emergentes.

Função sintática do SN especificado por AÍ, LÁ, ALI e AQUI

Nesse fator, os SN especificados por AÍ, LÁ, ALI e AQUI foram classificados de acordo com a função sintática que desempenham. Essa classificação foi baseada em Castilho (2010), uma vez que esse autor apresenta uma nomenclatura baseada no uso real dos falantes, em uma perspectiva funcional. As funções encontradas foram as seguintes: sujeito, objeto direto, complemento oblíquo, adjunto adverbial, adjunto

³ De acordo com Payne (1997), os clíticos são morfemas que atuam no nível sintagmático e se unem fonologicamente a uma outra palavra, conhecida como **hospedeiro**, a fim de poderem ser integrados ao discurso, no qual não poderiam ocorrer sozinhos.

adnominal, absolutivo, aposto e tópico.⁴ No que segue se segue, é apresentada uma breve caracterização de cada uma das funções encontradas, acompanhada de suas respectivas amostras exemplares.⁵

Sujeito: de acordo com Castilho (2010:295): “o sujeito é aquele ou aquilo de que se declara algo. Ele é o ponto de partida da predicação, é o seu tema”. Com relação às suas propriedades sintáticas, o sujeito pode ser expresso por: (i) uma expressão nominal; (ii) uma expressão pronominal; (iii) por toda uma sentença; (iv) por um zero sintático (Castilho, 2010:289).

(13) E Enquanto tiver o mercado.

F [Enquanto <ti>] enquanto tiver <mer> mercado, sempre vai ter alguém que vai produzir, né? Então isso aí <fa> faz parte de uma conscientização, né? Conscientização toda da sociedade, o que não existe. Por exemplo: hoje [nosso] nosso governo aí não aproveita aí os veículos de comunicação que tem na mão, né? pra justamente lançar uma série de campanhas. Aí por exemplo [a] tem a televisão aí, né? que pega em todo o território nacional. A rede Globo, por exemplo, uma cadeia nacional. O que que ocorre. O governo, ele não se preocupa com isso, né? Agora recentemente estive vendo aí um caso que deu em Porto Alegre: **uma menina AÍ de dezessete anos** morreu de aborto e tal. Quando é que se viu [no] uma campanha nacional aí numa coisa que é básica, né? que é o controle de natalidade. Nem isso se faz, né? [O que que] o que esperar de controle de droga então? Uma coisa simples, né? Como o controle de natalidade e tal pra evitar essa série de abortos aí. Não sei quantos milhões são feitos por ano. Quatrocentas mil mulheres morrem por ano no Brasil em decorrência de abortos mal feitos. Entende? Então <po>, nem isso aí. (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).

Objeto direto: trata-se de um dos argumentos do predicado, selecionado pelo verbo. Apresenta como características sintáticas as seguintes, de acordo com Castilho (2010:300-1): (i) é proporcional aos pronomes pessoais acusativos *ele/o*; (ii) na passiva

4 No tocante a funções sintáticas que não são codificadas por SN, mas geralmente por sintagmas preposicionais, como os adjuntos adverbiais, ressalto que considerarei o SN como constituinte do sintagma preposicional maior, vez que qualquer sintagma pode conter um SN menor (TRASK, 2006), o que pode ser conferido no dado a seguir: “meu pai... estava **numa crise enorme AÍ...**” (informante feminino, *Corpus D&G* Rio de Janeiro).

5 Convém salientar que, por questão de espaço, para cada função sintática é apresentada apenas uma amostra com um dos quatro marcadores emergentes.

correspondente, assume a função de sujeito; (iii) pode ser preenchido por SN de núcleo nominal ou pronominal; (iv) seu papel temático é /paciente/, mesmo com verbos causativos.

- (14) banco ... entrego conta ... resolvo assim ... por exemplo ... uma entidade manda uma carta lá pra clínica ... dizendo que:: que tá abrindo credenciamento pra médicos ... aí eu vou ter que saber o que que precisa pra gente se credenciar ... pegar relação de documentos e resolver ... sabe ... até ... a gente ter o credenciamento ... é muita responsabilidade ... sabe? é muita mesmo ... porque num é todo mundo que agüenta esse rojão não ... porque se você faz só uma coisa ... é muito bom ... tem vários funcionário ... cada um tem sua função ... é bom demais ... mas você fazer tudo ... você tem que ter **uma agenda ALI** ... bem certinha ... sabe? e num esquecer de nada ... porque se esquecer ... (informante feminino, D&G Natal).

Absolutivo: segundo Castilho (2010:286-9), o absolutivo funciona como o argumento único de uma sentença quando o verbo for **apresentacional** ou **existencial**. Os verbos apresentacionais têm como função mais saliente, de acordo com o autor, introduzir participantes do discurso, e são também monoargumentais, distinguindo-se, assim, dos verbos bi ou triargumentais, que são predicativos.⁶ A função desempenhada pelo absolutivo é geralmente descrita nas gramáticas tradicionais como sujeito, objeto direto ou predicativo do sujeito, dependendo do verbo do qual ele serve de argumento. O absolutivo apresenta como propriedades as seguintes: (i) é preenchido por um SN; (ii) desempenha um papel crucial na organização do texto, qual seja, representar os tópicos discursivos novos, que precisamos incluir na corrente da fala; (iii) tem o estatuto de identificável quando preenchido por pronomes pessoais, ou não identificável quando preenchido por substantivos, embora esse traço semântico receba um tratamento dinâmico nos textos.⁷

6 Castilho (2010:253) ressalta ainda a distinção entre **apresentar** – “introduzir no discurso um novo participante” – e **predicar** – “atribuir propriedades semânticas ao argumento de um operador”.

7 A esse respeito, Castilho (2010, p. 289) afirma: “Esse tratamento pode ser assim esquematizado: em sua primeira menção, o tópico discursivo novo ainda não se integrou na memória de curto prazo, exibindo o traço semântico de /indefinitude, não identificabilidade/. À medida que o respectivo referente vai sendo retomado, ele se fixa em nossa memória, passando a /definido, identificável/, independentemente de sua articulação por *um* ou *o*”.

- (15) I* Ave Maria! foi uma briga tão feia, você nem imagina. A minha pressão ficou a vinte e um nesse dia, + vinte e um, só eu só num murri porque as duas num tavam porque num tem que ser as duas, né? a máxima e a mínima num tava + foi. Que ele veio dizeø que eu tinha: eu queria prejudicar ele mayø eu num queria prejudicaø ele não, porque ele saiu porque o secretário num queria mesmo que ele ficasse. Aí ele ele veio de lá pra cima de mim, comigo num tem boquinha não. + Eu gostava dele, tanto, gostava que só, todo mundo gostava dele. Mas ele veio pra cima de mim querenøo, como se fosse dá em mim. + Mayø eu num ia prejudicar ele não, eu ia me prejudicar. **É um código LÁ** que, a menina eu tava de férias quando eu voltei aí esse código tava dentro + da produtividade; e eu não vi que a educação mandou errado, mandou no código duzentos falta, e o código era cento e vinte e cinco, se eu tivesse se tivesse saído isso nas folhaø de pagamento, ia sair umas cinqüenta faltas, das cinquenta pessoas. Eu ia prejudicar ele? Eu ia prejudicar a mim que eu ia eu ia explicar o povo, porque quer dizer, falta de atenção, irresponsabilidade. E eu disse ao Secretário, digo: “Olhe, eu num ia prejudicar ele não, eu ia prejudicar a mim, e na faixa de cinqüenta funcionárioø, somente”, e eu ia teø como é que eu ia dizeø não gente, porque eu eu num olhei, olhe aí. Ele foi burro demais, saiu porque quis. + Ele também ele era muito taxativo assim, ele queria um negócio era o que ele queria (informante feminino, VALPB).

Complemento oblíquo: Castilho (2010:304-5) distingue os complementos preposicionados entre objetos indiretos e oblíquos. Segundo ele, são propriedades do objeto indireto as seguintes: (i) é proporcional aos pronomes dativos *me, te, lhe*; (ii) é preenchido por sintagma preposicionado nucleado por *a* ou *para*; (iii) a construção em que figuram não é conversível à voz passiva; (iv) podem ocorrer juntamente com o objeto direto; (v) seu papel temático é, em geral, /beneficiário/; (vi) sua colocação de base é após o verbo, podendo vir também após o objeto direto, caso este ocorra. Ainda segundo o autor, o complemento oblíquo é uma espécie de “vagalume” nas gramáticas, que ora aparece com a denominação de complemento relativo ou complemento terminativo, ora desaparece, sendo rotulado de adjunto ou mesmo de objeto indireto. Conforme Castilho, o complemento oblíquo apresenta as seguintes propriedades: (i) é proporcional a pronomes-advérbios dêíticos ou a preposição + pronome; (ii) ocorrem como argumento interno único da sentença ou coocorrem com o objeto direto após este;

(iii) ocorre mais frequentemente com verbos de movimento; (iv) seus papéis temáticos mais comuns são /locativo/, /alvo/, /origem/ e /comitativo/. Na amostra analisada, todos os complementos verbais preposicionados foram complementos oblíquos.

- (16) no prédio três ... vão ser construídas ... construído também uma ... uma quadra né ... na parte esportiva ... vai ser construído também mais uma ... uma quadra ... um ginásio ... falam *num ginásio AI* ... num sei se vai ser lá ... lá dentro ou fora ... e também é ... andaram falando aí que vai ser construída uma ... uma unidade aqui no Jiquí ... né ... (informante masculino, D&G Natal).

Adjunto adverbial: conforme Castilho (2010:309-10), os adjuntos adverbiais tomam por escopo um adjetivo ou um advérbio, desempenhando três grandes funções: (i) predicam seu escopo, atribuindo-lhe uma propriedade semântica nova – adjuntos adverbiais modalizadores, qualificadores e quantificadores; (ii) verificam a veracidade expressa por seu escopo: adjuntos adverbiais de afirmação, negação e focalização; (iii) situam seu escopo numa perspectiva locativa ou temporal: adjuntos adverbiais locativos e temporais.

- (17) F Então [ele] [ele está] ele está fazendo agora o cursinho à noite, ele faz [com um] com *um tenente-coronel ALI* [da] da Aeronáutica que faz curso pra ele assim, particular. Ele vai todo dia, se termina o expediente às [é] o expediente dele é das nove às cinco. Termina o expediente às cinco horas, daí ele vai lá pro cursinho e chega em casa [é <de>] é dez pras dez. Sete e meia às nove, nove e meia. [Tudo dia]. Ele dá [é] Português, Matemática e Física. Que são só [esses três] essas três provas que caem, sabe? pro especialista. É Especialista de Sargento da Aeronáutica. Quer dizer que aquele que passa aqui nisso, daí ele [não] não permanece aqui em Curitiba. Daí ele vai [pra] pra Guaratinguetá, em São Paulo. Fica dois anos lá, assim em regime de semi internato, tipo de uma Escola Militar, daí quando ele volta de lá, daí já volta [daí] daí dois anos |concurando| fazendo curso lá, daí volta como Sargento. Entende como? (informante feminino, VARSUL Curitiba).

Adjunto adnominal: os adjuntos adnominais tomam por escopo, de acordo com Castilho (2010:308-9), um substantivo, predicando-o, classificando-o ou dispondo-o no

eixo espaçotemporal. A partir dessa atuação semântica, é possível distinguir três classes de adjuntos adnominais, as quais reproduzem as propriedades semânticas dos adjetivos. São elas: (i) adjuntos adnominais modalizadores; (ii) adjuntos adnominais de verificação – classificadores; (iii) adjuntos adnominais dêiticos.

- (18) F É, esse cara, não sei, né? Não tenho nada contra o PT, mas [todas] todas as prefeituras que têm aí que eles [estão] estão governando aí estão viradas numa bagunça, né? São Paulo, a Erundina lá, está fazendo nada, nem aqui, né? Porto Alegre também, né?
E Não é que a Jane tinha falado há muito tempo atrás que tinha o problema *de uma árvore AÍ*. I Já tem.
F Nós temos aqui ainda aqui. I Até agora é um horror (informante masculino, VARSUL Porto Alegre).

Tópico: consoante Castilho (2010:279-86), os tópicos podem consistir em sintagmas nominais anacolútics, isto é, fragmentos soltos, sem conectividade sintática com o restante da sentença, ou SN que funcionam como constituintes sentenciais deslocados para a esquerda. Para o autor, do ponto de vista discursivo, tais itens fornecem um quadro de referências para o que vai ser elaborado no texto, atuando na hierarquização tópica. Do ponto de vista semântico, por sua vez, eles veiculam uma informação ainda não integrada na memória de curto prazo.

- (19) *A mestra de noviça era muito autêntica mesmo. *Aí ela me falou pra: “*Porque [cê-] num vai seø é Franciscana?” *Eu disse: “*Olhe, eu sei o que é uma Franciscana e sei o que é uma carmelita. *Eu freqüento aqui há muitos anos, desde a idade que eu morava aqui perto. *Eu tinha uma tia que era carmelita e queria entraø, mais casamento é pra num aborrecer marido, né? Porque tem aquelas reuniõeø, aquele aí pra num haver confusão, né? Deixei. *Quando eu fiquei viúva aí entrei. *Aí ela disse: “*Não, pode ser que eu {inint} ser Franciscana”. *Eu disse: “*Não”. *Aí depois ela falou cum um que era da mesa, ele chegou, disse: “*Ave-Maria, Ivonete? Aquele é gente fina, pode ingressaø lá na ordem terceira que ninguém vai se arrepender não.” *Um *mesário LÁ*, aliáis esse já morreu. *Aí ela foi lá em casa, me pediu mil desculpas, a mestra de noviça, né? *O nome dela é Da Paz, me pediu mil desculpas, eu disse: “*Olhe, eu só vou lhe garantiø uma coisa: eu vou entrar na ordem de cabeça erguida e

vou sair quando chegæ meu meus últimos dias de cabeça erguida”
(informante feminino, VALPB).

Na Tabela 2, a seguir, encontram-se os resultados da distribuição dos marcadores de acordo com a função sintática do SN ao que se ligam.

Tabela 2: Função sintática dos SN aos quais os marcadores se adjungem

Marcador	AÍ		LÁ		ALI		AQUI	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sujeito	7	5,5	5	5,1	-	-	-	-
Objeto direto	43	33,6	38	38,4	11	68,8	2	40
Absolutivo	37	28,9	31	31,3	1	6,2	3	60
Complemento oblíquo	3	2,4	3	3	-	-	-	-
Adjunto adverbial	22	17,2	15	15,2	3	18,8	-	-
Adjunto adnominal	8	6,2	3	3	-	-	-	-
Tópico	8	6,2	4	4	1	6,2	-	-
TOTAIS	128	100	99	100	16	100	5	100

Fonte: Confessor (2013)

Fica claro a partir dessa distribuição que as funções sintáticas preferidas dos SN especificados pelos marcadores emergentes são as de objeto direto e absoluto, uma vez que, juntas, correspondem a 62,5% das ocorrências de AÍ, 69,7% das de LÁ, 75% das de ALI e 100% das AQUI. Essa predominância dos marcadores acompanhando SN objetos diretos e absolutivos se coaduna com o resultado de pesquisa anterior a respeito de AÍ marcador de especificidade (Confessor, 2008:70),⁸ na qual, embora a quantidade de dados tenha sido bem menor do que nesta, também houve essa predominância. É provável que, quanto mais gramaticalizado estiver um marcador de especificidade, mais ele será empregado junto a SN de funções sintáticas variadas, deixando de estar restrito a SN objetos diretos e absolutivos. Os SN objetos diretos e os absolutivos possivelmente representam os contextos sintáticos preferenciais para a emergência dos marcadores de especificidade, já que é nesses contextos que os quatro marcadores de especificidade em tela são mais empregados, além de serem os únicos em que AQUI aparece, e dois dentre os três em que ALI aparece. Portanto, os SN com função de objeto direto e de absoluto podem representar o ponto de partida para o uso de um marcador de especificidade, que, depois de aí emergirem, podem passar a ser empregados em outras funções sintáticas.

⁸ Ressalta-se que, na referida pesquisa, apareceu apenas um dado que corresponde à função que nesta foi classificado como absoluto. Na época, ele foi considerado como objeto direto.

A razão de considerar os SN objetos diretos e absolutivos como contextos de emergência de marcadores de especificidade se tornará mais clara quando forem correlacionados os resultados referentes às funções sintáticas com aqueles relacionados com a questão do *status* informacional, o que será feito na subseção a seguir. De antemão, antecipo que tanto o objeto direto quanto o absolutivo são introdutores por excelência da informação nova em uma oração (cf. Castilho, 2010). Assim, faz sentido que os marcadores de especificidades predominem em SN com essas funções sintáticas, vez que elas são as funções em que os SN indefinidos aparecem mais frequentemente, em contraposição à função sintática de sujeito, em que é mais frequente a apresentação de informação velha e, assim, de SN definidos. Como os marcadores de especificidade modificam SN indefinidos, é esperado que apareçam mais em SN objetos diretos e absolutivos. Os marcadores podem ter emergido em SN com essas funções sintáticas, porque elas são lócus propícios semântico-pragmaticamente, e também sintaticamente: é comum encontrar AÍ, LÁ, ALI e AQUI dêiticos nas proximidades de um SN indefinido com a função de objeto direto ou de absolutivo, como em *Colocaram uma máscara lá (na mesa)* ou em *Tem uma pessoa aí (fora)*, por exemplo.

Status informacional do SN ao qual AÍ, LÁ, ALI e AQUI se adjungem

Esse fator diz respeito à maneira como os referentes nominais são apresentados no discurso. Na análise desse fator, utilizei a nomenclatura utilizada por Prince (1981, 1992), que classifica as entidades discursivas em três grupos: *novos*, *velhos* (ou *evocados*) e *inferíveis*. Na Tabela 3, encontram-se os resultados concernentes ao *status* informacional dos SN acompanhados por AÍ, LÁ, ALI e AQUI.

Tabela 3: Status informacional dos SN aos quais os marcadores se adjungem

Marcador	AÍ		LÁ		ALI		AQUI	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Status informacional								
Novo	87	68	73	73,7	14	87,5	5	100
Velho	32	25	19	19,2	02	12,5	-	-
Inferível	09	7	07	7,1	-	-	-	-
TOTAIS	128	100	99	100	16	100	5	100

Fonte: Confessor (2013)

Os resultados obtidos mostram que o *status* informacional predominante entre os quatro marcadores emergentes é o **nov**, responsável por 68% das ocorrências de AÍ, 73,7% das de LÁ, 87,5% das de ALI e 100% das de AQUI. Esse resultado apresenta distribuição próxima à do fator anterior – função sintática dos SN aos quais os marcadores se adjungem –, que revelou como prevalecente as funções de objeto direto e absoluto, com frequência de 62,5% das ocorrências de AÍ, 69,7% das de LÁ, 75% das de ALI e 100% das AQUI. Dessarte, é possível concluir que, como os marcadores emergentes são mais frequentes em SN com *status* informacional novo, esses sintagmas tendem a predominar nas funções sintáticas de objeto direto e absoluto, responsáveis por introduzir essas informações novas no discurso.

Um outro aspecto saliente dessa distribuição é o de que, aparentemente, quanto menos gramaticalizado estiver o marcador de especificidade, maior será sua frequência em SN de *status* informacional novo: comparem-se, por exemplo, as frequências dos SN novos acompanhados por ALI e AQUI com as daqueles seguidos por AÍ e LÁ. Conseqüentemente, quanto mais gramaticalizado estiver o marcador, mais frequentemente aparecerá em SN com outros *status* informacionais: observe-se que os SN inferíveis ocorreram apenas com AÍ e LÁ, com distribuição similar.

Algumas considerações

Considerando a atuação dos marcadores emergentes no interior do sintagma nominal, os dados sugerem que eles constituem uma categoria intermediária entre clítico e modificador que, na falta de designação mais precisa, foi chamada de **partícula**. Esses itens, embora atuem no nível sintagmático, relacionando-se ao núcleo do SN, admitem, em alguns casos, material interveniente entre si e o nome nuclear do sintagma. Além disso, não aparentam estar presos fonologicamente ao substantivo, sendo, a princípio, tônicos.

Os marcadores emergentes tendem a aparecer, pelo menos na amostra analisada, predominantemente em SN com as funções sintáticas de objeto direto e absoluto, o que pode ser tomado como indício de que o uso de AÍ, LÁ, ALI e AQUI como marcadores de especificidade deriva do uso dos dêiticos AÍ, LÁ, ALI e AQUI em construções fontes usadas nos papéis de objeto direto e de absoluto.

Os marcadores de especificidade tendem a aparecer em SN de *status* informacional *novo*, já que referentes *novos* no discurso geralmente são introduzidos por SN indefinidos. Entretanto, acredito que, conforme discutido, quanto mais gramaticalizado estiver o marcador, mais sua presença será possível em SN com status informacionais outros que não o *novo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Castilho, Ataliba. T. de. 2010. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Confessor, Francisco Wildson. *AÍ marcador de especificidade de SN indefinidos: um estudo funcionalista com implicações para o ensino*. 100 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Confessor, Francisco Wildson 2013. *AÍ, LÁ, ALI e AQUI: gramaticalização de um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal*. 197 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Furtado da Cunha, Maria Angélica (Org.). 1998. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN.

Furtado da Cunha, Maria Angélica (Org.). 2010. *Banco conversacional de Natal*. Natal: EDUFRN. [CD-Rom].

Givón, Talmy. 1984. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. I e II. Amsterdam: John Benjamins.

Heine, Bernd *et al.* 1991a. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press.

Heine, Bernd *et al.* 1991b. From cognition to grammar: evidence from African Languages. In: Traugott, E. C.; Heine, B. (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, p. 149-188.

Heine, Bernd; Kuteva, Tania. 2007. *The genesis of Grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press.

Hopper, Paul J. 1987. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.

Hopper, Paul J. On some principles of grammaticization. In: Traugott, E. C.; Heine, B. (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

Hopper, Paul J. 1998. Emergent grammar. In: Tomasello, M. (Ed.) *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, p. 155-175.

Hopper, Paul J. 2008. Emergent serialization in English: pragmatics and typology. In: Good, Jeff. (Ed.) *Language universals and language change*. Oxford: Oxford University Press, p. 253-84.

Hopper, Paul J. 2011. Emergent Grammar and Temporality in Interactional Linguistics. In: Auer, P.; Pfänder, S. (Eds.). *Constructions emerging and emergent*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 22-44.

Hopper, Paul J.; Traugott, Elizabeth. C. 2003. *Grammaticalization*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press.

Hora, Demerval da. (Coord.). 2005. *Projeto variação linguística no estado da Paraíba*. João Pessoa: Ideia. [CD-Rom].

Payne, T. 1997. *Describing morphosyntax*. Cambridge: Cambridge University Press.

Prince, Ellen. F. 1981. Toward a taxonomy of given-new information. In: Cole, P. (Ed.) *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, p. 223-255.

Prince, Ellen. 1992. The ZPG Letter: Subjects, Definiteness and Information Status. In: Thompson, Sandra; Mann, William (Eds.). *Discourse Description: Diverse Analyses of a Fundraising Text*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 295-325.

Vandresen, Paulino (Org.). 2002. *Variação e Mudança no Português Falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT.